

Prefácio da revista “SuperRio Superfícções”, por Bernardo José De Souza

Forças obscuras movem o mundo.

Em paralelo ao que chamamos realidade, articulam-se instâncias simbólicas a operar em um plano fantasma, uma dimensão tão solerte e insidiosa quanto efetiva na orquestração do tabuleiro político que dá os rumos ao planeta Terra neste primeiro quartel do século XXI.

Para além do diapasão sociológico amparado em padrões científicos que guardam dívidas históricas com o arcabouço teórico dos novecentos, desenha-se em nosso horizonte uma paisagem ficcional que desafia até mesmo as mais consolidadas leis da física, os pérfidos e malévolos fluxos econômicos e as sedimentadas, embora fantasiosas, instâncias políticas, místicas ou mesmo geográficas.

Superfícções, a cosmogonia divisada por Antoine Guerreiro do Divino Amor para investigar uma realidade que subjaz a outra realidade - artificial e escamoteada - constitui uma cartografia de beleza e acuidade raras. E, por paradoxal que possa nos parecer, investir em uma breve síntese desse outro mundo - que nada mais é que o nosso próprio - demanda um pé no chão e boa dose de racionalidade, a qual talvez nos permita decifrar, ainda que apenas em alguma medida, os móveis que levaram o artista a conceber tal desvario eivado de lucidez e dotes visionários (não fosse desafiadora minha tarefa de aqui deslindar a obra do artista, estaria eu incorrendo em outra ficção, inspirado por aquela feita pelo próprio Antoine, a qual se sobrepõe à nossa para trazer à luz a mais rotineira e pura realidade).

Formado em arquitetura na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble e La Cambre Architecture de Bruxelas, Guerreiro do Divino Amor é descendente de pai europeu e mãe brasileira, ele suíço, ela carioca, um mestiço no melhor estilo pós-colonial - o nome Divino Amor foi roubado de uma de suas madrastras, pastora de igreja evangélica no Rio de Janeiro. Em seus estudos preliminares sobre esse mundo que é mais mundo, evocou os filósofos e os mestres responsáveis por conformar o universo segundo a ótica e a percepção inauguradas pela civilização ocidental. Entretanto, o cânone a reger nosso planeta desde o malfadado advento da modernidade haveria de exigir do artista uma dramática virada conceitual, de modo a lhe permitir escrutinar as velhas estruturas de poder, voláteis e obtusas, apesar de sólidas em seus ostensivos marcos estruturais - espelhos da verticalidade científica e acadêmica.

Inicialmente interessado pelo conjunto de forças a comandar os destinos e os desfechos de nossa épica desventura sobre a Terra, o artista acabou por abandonar a escala global e, por consequência, a proposição de uma nova teoria sócio-política e simbólica, de proporções megalomaniacas, para realizar sua guinada iconoclasta rumo ao sul, um retorno aos trópicos maternos, o que lhe concederia o sabor da especulação acerca das realidades novomundistas - a exemplo do que fizera Levi-Strauss há quase um século atrás.

Em seu novo contexto, banhado pela luz do sol e pelas águas equatorianas, Guerreiro do Divino Amor acabou por recobrar os olfatos e reminiscências da infância, bem como os medos, aventuras e fantasias que alimentaram sua sanha adolescente: sexo e religião embalados em um misto de euforia, transgressão e autoritarismo. E como das tensões é feito o mundo, e apenas a partir delas é possível dar o passo adiante, a reconstrução de suas próprias teorias, em solo brasileiro, aportou renovado fôlego às seminais especulações sobre as dinâmicas sociais e os abalos políticos experimentados pela humanidade.

Para enfim tangenciar a superealidade que nos põe em pé na extenuante jornada dia-após-dia,

incorporou os pecados e os delitos locais, bem como os vernizes inescrupulosos de um país que insiste em fazer tábula rasa de sua experiência histórica e sempre aludir a um futuro prometido, embora jamais experimentado - daí derivam a máxima proferida pelo escritor Stefan Zweig, "Brasil, o País do futuro!", e o bordão "50 anos em 5", do presidente Juscelino Kubitschek (responsável por construir Brasília neste exíguo espaço de tempo, cidade que, segundo o arquiteto Sérgio Bernardes, constituiu um fragoroso "tropeço histórico", por N razões, entre elas a de apartar a população do eixo forte do Poder).

Já em pleno novo milênio, quando sabemos ser nossa democracia representativa uma falácia - como de resto boa parte das demais ao redor do globo -, e quando sabemos seguir sob os comandos das oligarquias que historicamente conduziram nossa pátria, bem como do monopólio midiático e de sua ardilosa disseminação das ideias reacionárias que hoje amalgamam a nação, resta imperioso buscarmos alternativas semânticas e simbólicas que possam dar conta do inferno no qual se converteu a realidade forjada por uma estrutura política fascista e velada, a qual segue pondo em marcha os sucessivos e reeditados projetos venais de poder - tudo isso para não falar no protagonismo da igreja evangélica no processo de submissão do povo às leis perversas da tributação imposta pelo "Divino".

Superfícies baixa sua lupa sobre o Rio de Janeiro, terra-síntese da brasilidade que oblitera o racismo, o preconceito e a truculência do Estado, aspergindo sobre o mundo seu antídoto à fúria das massas, e devolvendo a elas um painel cuja beleza de tintas tropicais revela-se tão sublime quanto ficcional. As categorias "sociológicas" de Guerreiro do Divino Amor vem solapar quaisquer planos de manutenção das esferas de poder outrora conhecidas, pois ele as substitui por novas, operantes abaixo e acima do reino dos meros mortais - seus efeitos gasosos e nefastos não mais podem ser sublimados, vem à tona como a lava dos vulcões, refletem alegoricamente o horror do andar de baixo, cegando, assim, quem sabe, os olhos embotados dos medalhões em seus barrocos camarotes funcionais.

Enquanto se insiste em viver no matrix da realidade inventada, sem sequer questioná-la, as superfícies descortinam um novo universo, tão ativo quanto as forças de trabalho que geram as riquezas jamais vistas, sempre prometidas e nunca alcançadas. É tudo política, nos diz o Guerreiro!

Como uma espécie de esfinge com LSD na boca, ele nos indaga: abram os olhos e me respondam: ora lodo, ora purpurina, o que está a correr nas veias abertas do povo brasileiro?